



APRESENTAÇÃO

Você sabia que o Colégio Pedro II, uma das mais tradicionais instituições de ensino público do Rio de Janeiro, fundada em 1837, somente veio a aceitar mulheres em 1925? Você sabia que a Constituição de 1824 estabeleceu currículos diferenciados para homens e mulheres, dizendo que enquanto aos homens cabia o aprendizado de noções de geometria, às mulheres restaria aprender rudimentos de corte e costura? Você sabia que escolas normais brasileiras só aceitaram matrículas de mulheres a partir da década de 1870? Nosso desconhecimento sobre estes fatos é proporcional à invisibilidade de mulheres que combateram este estado de coisas no século XIX têm em nosso país.

Com o intuito de contribuir para ampliar o reconhecimento daquelas que lutaram bravamente por transformações sociais a partir da educação e da cultura, a RCD homenageia neste número Nísia Floresta e Maria Firmina dos Reis, duas escritoras e educadoras nordestinas que, embora tenham se destacado na promoção da igualdade entre os gêneros, são muito pouco conhecidas no país.

Tal homenagem parte do artigo de Karla Fernanda Pereira, que começa seu texto questionando a invisibilidade do pioneirismo feminino em uma sociedade patriarcal, na qual cabe aos homens não só a prerrogativa de fazer a história, mas, também, de contá-la e ensiná-la. Após um breve histórico sobre a educação feminina no Brasil, a autora mergulha na trajetória de cada uma das duas aqui homenageadas.

Em relação à Nísia Floresta, merece destaque o espaço que conquistou em jornais de grande circulação no país, onde foi uma das primeiras mulheres a tratar de questões de gênero e defender uma educação mais equitativa entre homens e mulheres; e o seu trabalho à frente da Escola Augusta, criada por ela, onde pôde implementar suas ideias sobre um currículo mais igualitário entre os gêneros.

No que se refere à Maria Firmina dos Reis, precisamos lembrar que foi ela a pioneira no ensino misto, sendo duramente recriminada em sua localidade pela sua iniciativa e obrigada a fechar as portas da escola que criou por falta de apoio. Além da luta como educadoras, ambas deixaram um enorme legado em termos de poesias, contos, artigos e livros, que só recentemente começaram a ser atualizados, republicados e traduzidos para outras línguas.

Saudamos aqui todas as mulheres invisíveis que carregam esse país nas costas, seja dentro de sala de aula, seja no dia a dia dos lares, cuidando dos seus filhos e dos filhos dos patrões que as oprimem. Viva Nísia Floresta e Maria Firmina dos Reis, que tão bem as representam!

O segundo artigo deste número também nos remete às questões de gênero. Carolina R. Mendes e Filipe F. R. Mostaro trazem à tona o debate acerca das representações das

telenovelas sobre o envelhecimento feminino. Por meio da análise de dois casos que em parte configuram exceções – já que nestes casos as mulheres retratadas são protagonistas e tem agência sobre seus destinos – os autores argumentam que os papéis atribuídos às mulheres 60+ são sempre secundários, com personagens desprovidos de desejos e, na maioria das vezes, associados à maternidade ou à comichidade. Tais representações estariam associadas ao etarismo, ao culto à juventude e a padrões estéticos para o corpo feminino, que precisa ser jovem, magro e branco para merecer papéis protagonistas. Destacam-se no texto os ótimos diálogos entre os autores e as bibliografias que discutem a influência das telenovelas sobre o imaginário social; e aquela que reflete sobre os modos como os corpos femininos são representados na mídia.

O terceiro artigo deste número denuncia a censura como tática para impor representações conservadoras. O texto apresenta três casos de censura, sendo dois relacionados ao veto a publicações que expõem relações homossexuais e um que critica as barbaridades do holocausto utilizando linguagem metafórica. A análise dos três casos revela que o argumento mais utilizado pelos censores é o da proteção às crianças e adolescentes, que não poderiam ser expostos a conteúdos nocivos, os quais, por sua vez, poderiam também estimular a ação de pedófilos. Ao citar também outros casos de censura, o autor Carlos Eduardo da Cunha de Souza mostra como essa tática vem sendo recorrentemente utilizada pela extrema direita para conservar padrões heteronormativos e legitimar valores nazifascistas. Ao final, o autor sugere a realização de pesquisas que aprofundem o conhecimento sobre o fenômeno que, embora pareça diacrônico, permanece bastante atual, mesmo em sociedades consideradas democráticas e legalmente protegidas para a liberdade de expressão.

No último artigo deste número, por meio da experiência enquanto morador e pesquisador, Adriano Mello Rodrigues discute como a produção midiática realizada a partir da e sobre a favela possibilita a existência tanto física quanto política dos moradores destes espaços. Tendo como ponto de partida a tese defendida por Suely Carneiro de que o epistemicídio se efetiva através da racialidade, o texto mostra como o Manguinhos On line, coletivo de comunicação comunitária do bairro Manguinhos no Rio de Janeiro, atua no combate ao apagamento dos saberes produzidos na favela por meio da “confluência entre o direito à comunicação, o enfrentamento ao racismo algorítmico e a validação desses saberes”, configurando o que o autor denomina “epistemologia da sobrevivência”. Além disso, a condição de morador e pesquisador permite ao autor colocar em prática a “imersão paciente”, constituindo-se em uma categoria metodológica original formulada na pesquisa de Rodrigues e resultando numa das grandes contribuições deste trabalho.

Na resenha sobre o livro de Reece Peck, intitulado “Fox Populism: Branding Conservatism as Working Class”, Letícia Matheus propõe um aprofundamento nas camadas da obra, e elucida que as análises presentes nele vão para além da observação do visado canal de televisão FoxNews. O ponto de partida de sua resenha observa as táticas discursivas do supracitado canal para conseguir êxito e impacto, tanto comercial quanto politicamente, sobre a população estadunidense; e, a partir disso, vai tratar da maneira que o livro se tornou relevante diante do retorno de Donald Trump à Presidência dos Estados Unidos, uma vez que Reece Peck presta especial atenção às táticas discursivas praticadas pelo lado conservador do país para conquistar de forma positiva espaços entre o senso crítico da população.

E, por fim, trazemos o relato da experiência de Bueno Souza com uma oficina que promove, ao mesmo tempo, ação e reflexão sobre processos de domesticação dos corpos. Realizada durante uma greve, a proposta possibilitou, por meio da conjunção de diferentes linguagens corporais, tais como teatro, dança e capoeira, outros olhares para a relação entre os

corpos, os espaços e a ação política. Por meio de dinâmicas utilizando as linguagens mencionadas, os participantes da experiência tiveram a oportunidade de perceber como o controle social dos movimentos corporais é central dentro do processo de domesticação e autocontrole da subjetividade humana, tema amplamente tratado pela bibliografia, que também foi trazida e debatida durante a oficina. Bueno descreve em detalhes o dialógico processo de construção e condução do trabalho, mostrando como as referidas linguagens podem contribuir para a libertação dos nossos corpos e a ampliação da nossa capacidade de expressão no mundo.

Aiê! E boa leitura!